

Projeto 16

Mapeamento diagnóstico dos serviços de saúde reprodutiva em Teixeira de Freitas: um olhar da psicologia a partir das narrativas de usuárias

Cód/Nome	16 - Mapeamento diagnóstico dos serviços de saúde reprodutiva em Teixeira de Freitas: um olhar da psicologia a partir das narrativas de usuárias.
Orientador	Paula Rita Bacellar Gonzaga
Campus	Paulo Freire
Área	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA PESQUISA.
Vagas	2
	paularitagonzaga@gmail.com

Resumo

Este projeto de pesquisa visa construir um mapeamento diagnóstico sobre a atenção à saúde reprodutiva no Sistema Único de Saúde da cidade de Teixeira de Freitas através da análise discursiva das narrativas de mulheres usuárias desses serviços. Considerando que tópicos referentes ao campo da reprodução foram largamente encerrados no campo do privado feminino constituindo um tabu para as mulheres, a proposta de acesso a essas informações é de cunho qualitativo centrada na proposta de realização de entrevistas narrativas que possibilitam que as interlocutoras construam um continuum de suas histórias recuperando suas experiências de pré-parto, parto, puerpério, esterilização, interrupção de gravidezes e perdas gestacionais. A partir das análises pretende-se construir um diagnóstico das potencialidades e carências desses serviços no contexto local e construir uma proposta de formação da rede a partir dos aportes teóricos da psicologia social sobre a tessitura que perpassa as relações mulher-reprodução, usuária do serviço-profissional de saúde, acolhimento-negligência. Pretende-se com esse percurso prevenir casos de omissão, negligência, violência obstétrica, alienação corporal da mulher gestante e contribuir para a otimização dos recursos humanos na atenção à saúde reprodutiva para as moradoras de Teixeira de Freitas.

Atividades dos bolsistas

As estudantes realizarão pesquisa bibliográfica sobre as temáticas referentes a pesquisa, de modo que possam desenvolver a habilidade de busca, seleção e triagem necessárias para um levantamento do estado da arte. A partir das leituras do aporte teórico

necessário as estudantes irão produzir coletivamente e sob orientação os instrumentos que serão utilizados em campo nessa pesquisa, almejando que as mesmas desenvolvam a habilidade de construção de perguntas ou tópicos disparadores que contemplem a sutileza das temáticas abordadas, bem como considerem as modalidades locais de expressão verbal. A condução de entrevistas e grupos focais também será uma atividade que as estudantes desempenharão visando capacitá-las para a prática científica de pesquisa em ciências humanas e sociais. Todas as atividades de pesquisa serão orientadas previamente e posteriormente de modo a dirimir as dúvidas e identificar os pontos de fragilidade e potencialidade na condução das mesmas. Todas as iniciativas metodológicas serão gravadas e transcritas de modo a garantir a maior captura das interjeições, expressões, pausas e manifestações de emoção de modo que torne possível a formação das estudantes na modalidade de análise de discurso foucaultiana - que será basilar na etapa analítica dos materiais construídos ao longo da pesquisa. Concluída a etapa de análise cada estudante deve definir um recorte do banco de dados produzidos a partir da qual deve produzir um artigo final que comunique amplamente a comunidade acadêmica as contribuições do projeto.

Atividades semanais e carga horária

No primeiro mês as atividades semanais se dividirão em 4h de levantamento bibliográfico e catalogação desses materiais e 4h de debate teórico e orientação. No segundo e no terceiro mês serão 4h de orientação e 4 horas na construção do campo de pesquisa: aplicação do instrumento, Carta Convite; início das entrevistas narrativas. No quarto e quinto mês os turnos semanais deverão se dividir igualmente entre as transcrições das entrevistas narrativas e as orientações semanais com debate teórico. No sexto mês as estudantes devem construir e apresentar um mapeamento das experiências organizadas por planos de trabalho para debate no grupo de pesquisa, tendo orientações semanais. No sétimo, oitavo e nono mês as estudantes devem dividir os turnos entre o processo de análise das narrativas - análise do discurso foucaultiana - e as supervisões individuais e treinamento coletivo na metodologia de análise de discurso que será utilizada. Concluídas as análises as estudantes deverão dedicar os turnos do décimo e décimo primeiro mês a escrita de um artigo científico que contemple os resultados alcançados com as narrativas. Nessa etapa as orientações serão individuais e voltadas para as correções e ajustes nos textos. No último mês as estudantes deverão organizar e realizar uma atividade aberta para divulgar os resultados para a comunidade acadêmica e a sociedade civil da cidade de Teixeira de Freitas, além de produzirem os relatórios finais.

Introdução

A história da colonização latino-americana é marcada pela hiperssexualização, a fetichização, a exploração e a violação dos corpos das mulheres como meio de consolidação da invasão européia sobre os territórios do Novo Mundo. A colonização dos territórios teve como correlato a exploração dos corpos de mulheres negras e indígenas como tributo aos colonizadores. No caso do Brasil a construção do mito da

democracia racial, pautado na infame proposição da miscigenação como uma mistura pacífica entre as três raças, esconde a exploração sexual imposta às mulheres não-brancas. O corpo feminino visto como objeto o desejo, foi culturalmente desprovido da gerência sobre sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva, o que ainda se mantém em pauta até os dias atuais. Essas mulheres são historicamente afetadas por múltiplas estruturas de opressão, considerando racismo, o processo de colonização territorial e cognitivo e a exploração histórica das riquezas nacionais por países colonizadores, que operam concomitantemente, mas de formas distintas. Hill Collins (1990) situa que estruturas classistas e racistas se operacionalizam institucionalmente, enquanto o gênero, por sua vez, incorpora os aspectos íntimos e cotidianos para lançar seu controle. De acordo com a autora, a experiência das mulheres não brancas pode ser definida como uma generalizada matriz de opressão, onde se funde raça, classe e gênero. A materialização dessa opressão sobre os corpos femininos, racializados, empobrecidos se dá através do controle e exploração da sexualidade dessas mulheres. Esses corpos, como aponta Swan (2007) são construções históricas, sobre os quais se apoiam os pressupostos de gênero, suas imposições e representações. A legitimação ainda atual dessas representações que diminuem e desumanizam essas mulheres naturaliza violências de todos os tipos, inclusive aquelas perpetradas por agentes do Estado. Segato (2012) aponta que o colonialismo teve um efeito brutal sobre as relações de gênero, produzindo uma cristalização da episteme da colonialidade que se reproduz sistematicamente pelo Estado Republicano. As mulheres latino-americanas vivenciam uma dinâmica de controle total de seus corpos, legislados juridicamente por estados misóginos e autoritários e executada pelos representantes do poder disciplinar biomédico. A noção de Biopoder, proposta por Foucault (2005) consiste num Estado que opera sob a lógica de fazer viver e deixar morrer selecionando quais corpos podem e devem existir. Essa organização se dá através dos mecanismos da biopolítica, que regula as massas, os coletivos, as populações e do poder disciplinar que normatiza, patologiza e prescreve sobre os indivíduos. Operando sobre essa perspectiva, o autor aponta que a sexualidade se encontra no cruzamento exato entre a biopolítica e o poder disciplinar. Se a primeira se ocupa das taxas de regulamentação coletivas, a partir de taxas e normativas, a segunda se ocupa de prescrever e regular os indivíduos a partir de discursos considerados legítimos (medicina, direito, psicologia, pedagogia), assim, o poder soberano do Estado cria e regula suas regras de reprodução, sexualidade, natalidade e eugenia (FOUCAULT, 2005). Partindo dessa perspectiva a criminalização do aborto, a esterilização forçada e a violência obstétrica serão consideradas nessa proposta como tecnologias de controle e exploração dos corpos femininos situadas pela lógica do Biopoder. Erika Guevara-Rosas, diretora do Programa da Anistia Internacional para a América fala sobre a análise que eles realizaram sobre o acesso das mulheres latino americanas aos serviços de saúde : “Por desgracia, para mujeres de toda Latinoamérica, recibir tratamiento médico para salvar la vida depende de la buena voluntad de un profesional de la salud o de su capacidad adquisitiva. Plantear la asistencia médica como una lotería es indignante y absolutamente ilegal, y pone miles de vidas en peligro. Desde El Salvador, donde el aborto está prohibido incluso en los casos en que la vida de una paciente depende de él, hasta México, donde las mujeres que viven con el VIH pueden ser esterilizadas a la fuerza, mujeres y niñas de toda la región están sufriendo abusos a manos de los propios profesionales y sistemas que supuestamente deben protegerlas. El patrón común es que no se confía en que mujeres

y niñas puedan tomar sus propias decisiones en lo referente a su sexualidad, siempre son otros quienes toman esas decisiones por ellas. Tales normas y prácticas absurdas demuestran que el Estado no sólo tolera sino que además promueve la violencia –a veces equivalente a tortura– y la discriminación contra las mujeres.” Para Kate Millet (1975) a subordinação das mulheres nas sociedades é constituída por uma teia complexa de aspectos biológicos, sociológicos, econômicos, antropológicos, psicológicos e educacionais. A centralidade que perpassa todos esses pontos se origina na suposta fragilidade do sexo feminino, do corpo que sangra por uma ‘ferida’ constantemente aberta, a impureza dos corpos que sangram, parem, abortam e amamentam, o que a priori seria uma função fisiológica no seio da cultura é um acervo de significados socialmente construídos. Como aponta Swan: Uma função orgânica é promovida em termos simbólicos a um nível identitário, essencial, portadora de um destino social ancorado no corpo. Objetiva-se desta forma a imanência que faz das mulheres este corpo fractal: é a apropriação social do corpo construído em mulher que confere a todas as mulheres um destino biológico, quase uma fatalidade. (SWAN, 2007, p. 204-205). Esses corpos, desumanizados pela colonialidade (CESÁIRE, 2006) continuam sendo considerados recursos reprodutivos estatais, desumanizando as mulheres que vivenciam um apagamento de suas identidades dentro dos sistemas de saúde e nas legislações que são conservadoras sobre os direitos sexuais e reprodutivos e pouco eficazes quando se trata de protegê-las. A situação da violência contra as mulheres na América Latina é descrita por Segato (2012): A rapinagem sobre o feminino se manifesta tanto sob as formas de destruição corporal sem precedentes, como sob formas de tráfico e comercialização de tudo o que estes corpos podem oferecer até o seu limite a ocupação depredadora dos corpos femininos e feminizados se pratica como nunca até aqui e, nesta etapa apocalíptica da humanidade, espolia até deixar somente restos. (SEGATO, P.2, 2012) Sobre essa rapinagem alguns dados podem ser elucidativos. Mais de 200 mil mulheres peruanas foram esterilizadas sob ameaça e violência psicológica na década de 90, muitas não receberam tratamento pós-operatório e tiveram sequelas, 18 morreram (ANISTIA INTERNACIONAL, 2014). A capacidade reprodutiva das mulheres pode e é manipulada de diversas formas que diferem a depender de sua classe e raça. É preciso remontar que, no caso brasileiro, apesar do fim da escravidão ser o encerramento de um período institucionalmente legitimado de opressão contra a comunidade negra, muitos dos valores e significados atribuídos a esse grupo perduraram (e perduram), compondo trágicos episódios de racismo, sexismo e mais uma vez de exploração do corpo feminino das mulheres não brancas. Jurema Werneck (2014) evidencia como a partir da segunda metade do século XIX o avanço tecnológico, proporcionou a esterilização compulsória e massiva das mulheres negras. Na defesa de ideologias mascaradas de ciência, muitos mitos foram defendidos em detrimento dos direitos das mulheres envolvidas. O caráter eugênico e racista que permeou a esterilização compulsória de mulheres negras, no Brasil e nos Estados Unidos, sob o pretexto do controle da natalidade e de uma possível taxa de fecundidade mais alta entre negras do que entre não negras, se configura como mais um episódio no qual a maternidade foi extirpada dessas mulheres, a maioria delas moradoras do interior ou de periferias, donas de casa ou domésticas, cuidadoras de crianças e idosos. No ano de 1991 formou-se uma comissão para examinar a alta de incidência de mulheres no Brasil. O requerimento de nº 796/91 destinava-se a examinar a “ incidência de esterilização em massa de mulheres no Brasil”, onde destacava que a esterilização era a prática

contraceptiva mais comum entre mulheres brasileiras em idade fértil e que apesar dessa prática ser proibida pelo Código de Ética Médica nesse ano o IBGE apresentou dados que indicavam que 7.500 milhões de mulheres brasileiras em idade reprodutiva – 15 e 54 anos – tinham sido esterilizadas. Muitos casos de esterilização forçada já começam com quadros de violência obstétrica, outra modalidade de exercício do Biopoder sobre os corpos femininos. A Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC desenvolveu uma pesquisa sobre as mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado, essa pesquisa aponta que uma em cada quatro mulher no Brasil foi agredida em algum nível nos serviços de saúde de saúde sexual e reprodutiva (VENTURI; BOKANI; DIAS, 2010). Cabe destacar que essas violências – xingamentos, procedimentos desnecessários, recusa de analgesia, exames invasivos, comentários racistas, exposição a grandes grupos de estudantes, humilhações – são perpetradas por profissionais de saúde, agentes do Estado em exercício de suas funções. Os comentários racistas que perpassam os atendimentos revelam uma lógica de Racismo de Estado (FOUCAULT, 2005) bastante eficaz em exterminar as mulheres negras. De acordo com o Ministério da Saúde (2014) as mulheres negras são 60% das que morrem no parto, destaque para o fato de que a mortalidade materna é evitável em 90% dos casos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde. A Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (2012) em publicação referente à Saúde das Mulheres Negras sinaliza que a discrepância entre mulheres brancas e não brancas nos casos de mortalidade materna se estende também aos casos registrados como aborto e aqueles como hemorragias e infecções, os quais podem ser consequências de abortos inseguros que não foram devidamente atendidos e notificados. Essa conjuntura indica que o racismo, dos discursos dominantes e autoritários, continua se validando como científico para defender processos de eugenia que opera por inúmeras vias. Pensando o panorama do aborto a situação também é marcada por essa perspectiva. Menezes e Aquino (2009) apontam que uma mulher negra tem três vezes mais probabilidade de morrer durante um aborto provocado que uma mulher branca no Brasil. O Brasil não conseguiu atingir a meta de redução da mortalidade materna prevista como um dos 8 objetivos do milênio estipulado pela Organização das Nações Unidas. O estado da Bahia, especificamente, figura comum dos maiores indicadores de mortalidade materna do país (ODNE, 2012), que a despeito da sua vasta extensão territorial sofre com a carência e Serviços de Aborto Legal - em todo estado só existem dois serviços ativos um em Salvador e outro em Vitória da Conquista - e que atualmente Teixeira de Freitas sedia a Policlínica regional do Extremo Sul da Bahia faz-se necessário questionar que serviços são ofertados às mulheres da região, quais seus desafios e quais as potencialidades.

Justificativa

Diante da magnitude dessas questões e da ausência de produção do campo da Psicologia sobre as repercussões das violências e omissões perpetradas em serviços de saúde reprodutiva essa pesquisa apresenta uma proposta pioneira no contexto brasileiro e visa contribuir para a construção de contribuições teóricas, metodológicas e práticas da psicologia no que tange ao cuidado e à atenção às mulheres em situação de parto, puerpério, abortamento e esterilização, esses fenômenos recorrentes ao longo da vida reprodutiva das mulheres e pouco explorados ou intocados no contexto do interior do referido estado nordestino. Cabe salientar que essa pesquisa já está em curso,

tendo sido aprovada no Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia no Parecer nº: 3.086.320, de modo que nesse ano se pretende concluir a investigação e apresentar seus resultados a comunidade acadêmica e a sociedade civil.

Objetivo Geral

Construir um mapeamento diagnóstico sobre a atenção à saúde reprodutiva no Sistema Único de Saúde da cidade de Teixeira de Freitas através da análise discursiva das narrativas de mulheres usuárias desses serviços.

Objetivos Específicos

- Compreender como as questões referentes a saúde reprodutiva na cidade de Teixeira de Freitas se articulam com o contexto brasileiro e latino-americano; - Analisar as narrativas a partir da compreensão das estruturas de poder que organizam a sociedade brasileira como o racismo, a heteronormatividade, o sexismo e a colonialidade; - Contribuir para a ampliação do debate sobre saúde reprodutiva na Psicologia a partir da divulgação das análises produzidas nessa pesquisa em periódicos acadêmicos

Metodologia

A pesquisa busca conhecer as narrativas de mulheres moradoras de Teixeira de Freitas sobre suas experiências no que tange a saúde reprodutiva (gravidez, pré-natal, parto, puerpério, esterilização, perda gestacional e interrupção voluntária da gravidez) e realizar um mapeamento diagnósticos das potencialidades e fragilidades nos serviços locais. A escolha para seleção de participantes foi de utilizarmos a técnica conhecida como snow ball - bola de neve – na qual as participantes são indicadas e indicam umas às outras. Ao longo do desenvolvimento do trabalho as participantes poderão desistir a qualquer momento, visto que a participação é voluntária, não remunerada e espontânea. As informações serão arquivadas com uso de criptografia e os resultados, que serão publicados apenas em meios científicos e acadêmicos, terão como princípio norteador a garantia do sigilo e da ética. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo, sendo utilizadas entrevistas narrativas. Bauer e Jovchelovitch (2002) estipulam que a entrevista narrativa ocorra em quatro etapas: a inicial, quando a pesquisadora apresenta um tópico de significância para a participante; a narração central, que consiste no escopo da história e não deve ser interrompido até a informante terminar; a fase do questionamento, quando a pesquisadora retoma alguns pontos que não tenham sido aprofundados e, por fim, a fala conclusiva, que são os comentários pós-gravação, quando as participantes podem falar livremente e a pesquisadora pode fazer perguntas mais objetivas e adicionais. Considerando que a entrevista narrativa é uma técnica utilizada para gerar histórias (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002), as quais têm compromisso não apenas com a verdade, mas com a verdade vivenciada por cada sujeito, essa escolha se dá pela compreensão de que ao abordar temáticas sensíveis e que podem despertar memórias e sentimentos pouco explorados é necessário garantir

a possibilidade das interlocutoras conseguirem se expressar em seu próprio tempo e organização psíquica. Experiências de violência obstétrica, esterilização compulsória e omissão de cuidado em casos de aborto provocado e/ou espontâneo são temáticas que ainda sibilam fragilmente e raramente explanadas publicamente. Isso se dá pela larga naturalização das funções reprodutivas dos corpos femininos e da negação de espaço seguro onde as mulheres possam elaborar essas experiências com escuta especializada. Segredados na ideia de preservação do corpo e da intimidade, os itinerários de mulheres nos serviços de saúde reprodutiva são um tópico intocado pela psicologia e cabe problematizar essa lacuna, visto que nas Normas Técnicas que regulamentam os serviços especializados a profissional psicóloga compõe a equipe básica. De acordo com Rocha-Coutinho (2006) o uso da narrativa oral consiste numa das escolhas mais potentes para a pesquisadora acessar não apenas os fatos e atividades, como também os sentimentos e a experiência emocional dos participantes da pesquisa. Desse modo nos interessa aqui uma abordagem, a partir da psicologia social, das experiências de mulheres moradoras de Teixeira de Freitas sobre seus itinerários reprodutivos nas unidades locais do Sistema Único de Saúde a partir da construção de suas narrativas. A escolha pela análise do discurso para trabalhar os dados produzidos junto as interlocutoras se baseia na perspectiva de Foucault (2005) que defende a necessidade de se perguntar sobre esse poder que produz discursos de verdade com efeitos tão potentes sobre a vida dos indivíduos. Esse poder que é físico, material e que investe fortemente sobre os corpos é constantemente institucionalizado através do controle da normatização dos comportamentos, ideias, desejos (FOUCAULT, 1979). Um exemplo sobre essa aplicação é fornecido por Rocha-Coutinho (2004) que alerta para o risco de uma superestimação no que tange à mudanças referentes ao exercício desse poder sobre os corpos e comportamentos das mulheres. Embora existam transformações consolidadas e outras em curso no papel que a mulher ocupa na sociedade o poder continua sendo exercido sobre suas vidas de forma profunda e significativa e uma dessas formas é a invisibilização das questões relativas ao campo dos direitos reprodutivos. Diante dessas tessituras complexas, Foucault (2005) destaca cinco precauções do método que o analista do discurso deve ter ao se debruçar sobre as questões referentes às relações de poder. A primeira precaução concerne ao cuidado de não centrar seus esforços no poder central ou nos seus efeitos ao conjunto, mas sim, debruçar-se sobre suas formas mais capilarizadas, onde ele se prolonga além das regras do direito que o organizaram. Em seguida o autor aponta que deve-se evitar o questionamento sobre a alma central que detém o poder, operando sobre os corpos periféricos que foram constituídos pelo poder como súditos. Para o autor é importante se deter sobre como as coisas acontecem no mesmo momento, no mesmo nível, na altura da sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos (FOUCAULT, 2005, P. 25). Em sequência o autor aponta a necessidade não se conceber o poder como algo homogêneo e que alguém ou algum grupo possa deter em detrimento de outrem ou outros grupos que estão submetidos a ele. Para Foucault (2005) o poder é circulante e só pode ser exercido se situado numa rede, numa articulação, em trânsito. A quarta precaução é apresentada, portanto, como a necessidade de analisar o poder a partir das suas pontas ascendentes, partindo dos mecanismos mais ínfimos e como eles são colonizados por formas mais amplas de dominação. Defende que: Não é a dominação global que se pluraliza e repercute até embaixo... É preciso examinar o modo como nos níveis mais baixos, os fenômenos, as

técnicas, os procedimentos de poder atuam; mostrar como esses procedimentos, é claro, se deslocam, se estendem, se modificam, mas, sobretudo, como eles são investidos, anexados por fenômenos globais, e como poderes mais gerais ou lucros de economia podem introduzir-se no jogo dessas tecnologias, ao mesmo tempo relativamente autônomas e infinitesimais, de poder. (FOUCAULT, 2005, P.27) Por fim, Foucault (2005) aponta que as grandes máquinas do poder, mesmo quando operadas por grandes edifícios ideológicos, estão baseadas em fato em corpos disciplinares de saberes, que operam para além do funcionamento das ideologias e que constituem um discurso de saber-poder sobre as vidas e os comportamentos dos indivíduos. Diante do exposto essa pesquisa visa percorrer o caminho metodológico proposto pelo autor, concentrando esforços não nas estruturas que deliberam sobre a capacidade reprodutiva, mas nas mulheres que convivem com essas imposições, ou seja, centrando a abordagem naquelas cujos corpos foram historicamente constituídos como periféricos e sobre os quais o poder circulou tanto como instrumento de dominação quanto de resistência. Para, além disso, há um investimento em compreender como as sanções discursivas se materializam nas práticas de cuidado nas unidades locais e como se relacionam com prerrogativas institucionalizadas pelo Estado, considerando os discursos disciplinares como fonte de produção de saber-poder.

Resultados esperados

Almeja-se com essa proposta: Contribuir para a formação das estudantes envolvidas no que tange a prática de pesquisa qualitativa Sistematizar as potencialidades criativas e as fragilidades da rede de saúde reprodutiva local Contribuir para a produção da Psicologia com a publicação das análises em modelo de artigo acadêmico. Apresentar os resultados dessa investigação em eventos científicos.

Referências

ANISTIA INTERNACIONAL. El Estado como 'aparato reproductor' de violencia contra las mujeres: Violencia contra las mujeres y tortura u otros malos tratos em âmbitos de salud sexual y reproductiva em América Latina y el Caribe". Amnesty International Publications. Publicado originalmente em 2016 por Amnesty International Publications. Edición española a cargo de Oficina Regional de Amnistía Internacional, Ciudad de México. Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras. Saúde da mulher negra: guia para a defesa dos direitos das mulheres negras/Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras. Porto Alegre, 2012. BAUER, Martin W. & Jovchelovitch, Sandra." Entrevista narrativa". In Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Martin W.Bauer e George Gaskell (orgs.), São Paulo: Vozes, 2002, pp.90-113. CÉSAIRE, Aimé (Orgs). Discurso sobre el colonialismo. Madri: Akal, 2006. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. FOUCAULT, Michel. A ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2004. FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005. HILL COLLINS, Patricia. Pensamento Feminista negro e Matriz de Dominação Pensamento Feminista negro In. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. (Boston: UnwinHyman, 1990), pp. 221– 238. MENEZES, Greice M. S.; AQUINO, Estela M. L.; SILVA, Diórlene Oliveira da. Induced abortion during youth: social inequalities in the outcome of the first pregnancy. Cad. Saúde Pública, Rio de

Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1431-1446, July 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700008&lng=en&nrm=iso>. MENEZES, G.; AQUINO, E. Pesquisa sobre o aborto no Brasil: avanços e desafios para o campo da saúde coletiva. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. 193-204, 2009 MILLET, Kate. Política Sexual. México, DF, 1975. ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, jun. 2004 . ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 11, n. 1, p. 65-69, Apr. 2006. SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, e-cadernos ces [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, consultado a 14 Outubro 2016. SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265, jan. 2005. ISSN 0104-026X. SWAN, Tania Navarro. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre procriação e Maternidade. In: Feminismo e Maternidade: Diálogos Interdisciplinares. Org: Cristina Stevens. – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. VENTURI, G.; BOKANY, V.; DIAS, R. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. São Pulo: Fundação Perseu Abramo/Sesc, 2010. Disponível em:
<<http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>>. WERNECK, Jurema. “O belo ou o puro? Racismo, eugenia e novas (bio)tec-nologias.” In Sob o Signo das Bios. Vozes Críticas da Sociedade Civil, editado por Alejandra Ana Rotania, e Jurema Werneck, 49-62. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.